

Memórias, Exílio e Usos do Passado da Revolução Cubana nos Estados Unidos e em Cuba

Memories, Exile, and Uses of the Past: Cuban Revolution in the United States and Cuba

<https://doi.org/10.26512/rhh.v10i19.37532>

BUSTAMANTE, Michael J. *Cuban Memory Wars: Retrospective Politics in Revolution and Exile*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2021.

Igor Lemos Moreira

Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)

<https://orcid.org/0000-0001-6353-7540>
igorlemoreira@gmail.com

Como citar:

MOREIRA, Igor Lemos. Memórias, Exílio e Usos do Passado da Revolução Cubana nos Estados Unidos e em Cuba. *História, histórias*, Brasília, v. 10, n. 20. jul./dez. 2022.

Resumo

Resenha crítica da obra *Cuban Memory Wars: Retrospective Politics in Revolution and Exile*, do historiador Michael J. Bustamante, publicada em 2021 pela *University of North Carolina Press*¹. Na obra, o autor analisa os processos de construção da memória sobre a revolução cubana entre as décadas de 1950 e 1970, cobrindo desde os eventos pré-revolucionários (como a construção do movimento 26 de julho e a ascensão da liderança de Fidel Castro) até o ano de 1979. Em uma perspectiva conectada, articulando os eventos transcorridos em Cuba e no sul da Flórida, Bustamante levanta uma série de discussões e promove novas formas de interpretar a memória coletiva acerca da revolução cubana, rompendo o binarismo e as análises mecânicas e de causa-efeito frequentes em estudos anteriores.

Palavras-Chave

Revolução Cubana; Memória Coletiva; História do Tempo Presente.

Abstract

Critical review of *Cuban Memory Wars: Retrospective Politics in Revolution and Exile*, by historian Michael J. Bustamante, published in 2021 by the University of North Carolina Press. In the work, the author analyzes the processes of construction of memory about the Cuban revolution between the 1950s and 1970s, ranging from pre-revolutionary events (such as the construction of the 26th of July movement and the rise of Fidel Castro's leadership) to the year 1979. In a connected perspective, articulating the events that took place in Cuba and in the south of Florida, Bustamante raises a series of discussions and promotes new ways of interpreting the collective memory about the Cuban revolution, breaking the binary and the mechanical analyzes and frequent cause-and-effect in previous studies.

Keywords

Cuban Revolution; Collective Memory; History of the Present Time.

¹ BUSTAMANTE, Michael J. *Cuban Memory Wars: Retrospective Politics in Revolution and Exile*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2021.

A revolução cubana figura entre os principais eventos do continente americano no século XX. Perspectivas historiográficas associadas à história do tempo presente² têm argumentado que a derrubada de Fulgêncio Batista e a consolidação, nos anos seguintes, de um governo revolucionário de caráter socialista no caribe inaugurou uma nova forma de lidar com as temporalidades em diferentes países do continente, tendo em vista que a partir do “sucesso” da iniciativa cubana emergiram novos horizontes de expectativas possíveis nas Américas. Esse processo haveria influenciado não somente projeções positivas sobre o futuro possível do continente, mas também movimentos de extrema-direita e antidemocráticos que deflagraram uma série de golpes de Estado e ditaduras no caribe e Cone Sul. Tal discussão levanta a questão da centralidade da revolução cubana para entender a contemporaneidade das Américas, estando os Estados Unidos incluso neste processo, e aponta para os desafios de construção de uma história recente do continente que não procure entender os efeitos e consequências do evento de 1959 (DUANY, 2011; BUSTAMANTE, 2019).

A obra *Cuban Memory Wars: Retrospective Politics in Revolution and Exile* (2021), é uma das mais recentes publicações da coleção *Envisioning Cuba*³. Publicada pela *University of North Carolina Press*, enfrenta a discussão citada procurando entender as elaborações de memórias sobre a Revolução Cubana. Escrito por Michael Bustamante, o livro é resultado de seu doutoramento em história na *Yale University* e de pesquisas posteriores, desenvolvidas como docente da *Florida International University*. Doutor em história pela *Yale University*, o pesquisador, que se identifica como cubanólogo, é especialista na história de Cuba e do Caribe contemporâneo, assim como em história cubano-americana. Foi organizador da coletânea *The Revolution from Within: Cuba, 1959-1980*, juntamente a Jennifer Lambe, pela *Duke University Press*, e vencedor de prêmios da *University of Miami* para desenvolvimento de pesquisas na *Cuban Heritage Collection* e do *Yale's Arthur and Maru Wright Prize* (2017).

Em *Cuban Memory Wars*, Bustamante analisa os processos de construção da memória sobre a revolução cubana entre as décadas de 1950 e 1970, cobrindo desde os eventos pré-revolucionários (como a construção do movimento 26

2 ARAUJO, Rafael. A história do tempo presente na América Latina e no Brasil: Recortes cronológicos e possíveis periodizações. In: ELÍBIO, Antonio; SCHUSTER, Karl; PINHEIRO, Rafael. Tempo Presente: uma história em debate. Recife: EDUPE, 2019.

3 A coleção *Envisioning Cuba* é coordenada pelo historiador e professor universitário Louis A. Perez Jr., especialista em História Cubana. Publicada pela *University of North Carolina Press*, a coleção tem por objetivo divulgar trabalhos que abordem a história de Cuba, incluindo o exílio cubano, desde o período colonial até a contemporaneidade.

de julho e a ascensão da liderança de Fidel Castro) até o ano de 1979. O recorte “final” estabelecido justifica-se, segundo o autor, pela impossibilidade de cobrir todo o processo em longa duração e, especialmente, pelas mudanças políticas que ocorreram após a abertura do Porto de Mariel em 1980, com a autorização de mais de 250 mil cubanos/as de deixarem o país.

A problemática central de Michael Bustamante, assim como sua hipótese principal, concentra-se na dimensão da memória e do esquecimento para o estabelecimento das narrativas sobre a Revolução Cubana a partir das experiências desenvolvidas em dois espaços geográficos centrais: Havana e Miami. Desta forma, o autor aborda dois grupos sociais heterogêneos e em constante conflito: aqueles/as que permaneceram na ilha por apoio ao governo revolucionário e os/as exilados/as da primeira geração pós-1959 a chegarem no sul da Florida. Seu argumento é que, apesar das tendências de homogeneização e construção de visões dualistas das narrativas sobre a Revolução, um elemento sempre foi central nas representações sobre a revolução: a memória. Seu entendimento, inclusive, parte da ideia de que, neste caso, a fronteira existente entre memória e história é porosa, sendo muito mais um processo de estabelecimento de usos políticos sobre o passado para um presente conflituoso.

A perspectiva do autor parte de um campo emergente nos estudos sobre a História de Cuba que defende a centralidade da revolução para compreender a história do tempo presente nas Américas. A centralidade da memória como parte destas análises já fora aventada em obras, como *Heroes, Martyrs, and Political Messiahs in Revolutionary Cuba*⁴, de Lillian Guerra, *On Becoming Cuban: Identity, Nationality, and Culture*⁵, de Louis A. Perez Junior, e *Havana USA – Cuban Exiles & Cuban Americans in South Florida*⁶, de Maria Cristina Garcia. A pesquisa empreendida por Bustamante é uma contribuição valiosa para essa corrente historiográfica, possibilitando a expansão de tais discussões. A distinção de abordagem, se comparada às análises anteriores, refere-se à perspectiva transnacional e comparativa, na qual procura-se entender como os processos de lembrar e esquecer desenvolvem-se em Havana, capital de Cuba, e Miami, entendida como a capital do exílio cubano na segunda metade do século XX.

4 GUERRA, Lillian. *Heroes, Martyrs, and Political Messiahs in Revolutionary Cuba (1946-1958)*. London: Yale University Press, 2018.

5 PÉREZ Jr., Louis A. *On Becoming Cuban: Identity, Nationality and Culture*. Carolina do Norte: University of North Carolina Press, 2008.

6 GARCIA, Maria Cristina. *Havana USA: Cuban Exiles & Cuban Americans in South Florida*. Berkeley: University of California Press, 1996.

A abordagem parte de um conjunto documental que permite ao autor explorar as memórias coletivas; seu estudo entende que estas ocupam lugar central nas narrativas sobre a Revolução e que são constituídas por experiências individuais. Para problematizar tais lembranças, Bustamante recorre a um conjunto documental bastante diverso. Foram mobilizados livros, publicações midiáticas, impressos, fotografias, audiovisuais, fontes digitais, documentos oficiais e de organizações sociais e registros orais. Em seu processo de análise, que se concentra na dimensão narrativa das fontes e relatos apresentados, o historiador procura constantemente “estranhar” e/ou duvidar das memórias que lhe são apresentadas, assumindo uma postura crítica e fundamental para qualquer estudo que trabalhe as relações entre lembrança e esquecimento.

Cuban Memory Wars está estruturado em seis capítulos, organizados de forma cronológica entre as décadas de 1950 e 1970. Apesar dessa construção soar evolucionista ou teleológica, é preciso reconhecer que se trata de um recurso didático e de elaboração da narrativa a fim de conferir a ela uma fluidez específica. O deslocamento especial constante costura os seis capítulos da obra, mesmo que por vezes exista a necessidade de destaque a uma região geográfica ou a outra. Desta forma, o leitor e pesquisador interessado pela temática tem a sensação da dinamicidade, dos embates e lutas de memória, e compreende melhor a proposta de pensar que tais construções de representações e visões sobre a revolução foram articuladas e relacionais, não podendo ser reduzidas a nichos de grupos sociais específicos.

No capítulo um, *Origin Stories of Revolution, exorcisms of the Past*, situa a Revolução de 1959 na história recente de Cuba, procurando entender os fatores históricos, sociais e políticos que levaram à formação de grupos e atores sociais que lideraram a derrubada de Fulgêncio Batista. A partir deste processo, Bustamante demonstra a existência das divergências, discordâncias e embates dentro do movimento revolucionário que, por vezes, na memória coletiva reproduzida em diferentes suportes e veículos, é ofuscada pelo entendimento de que o anti-imperialismo estadunidense seria um aglutinador dos agentes sociais envolvidos. Desta forma, o historiador demonstra que estas divergências foram por vezes um desafio a ser superado e resultou também na construção de um grupo social principal no cenário de crise política.

A discussão inicia-se com um breve panorama das disputas de poder em Cuba, assim como da organização social e política do país, com destaque para os eventos da primeira metade do século XX. A breve retrospectiva tem como função principal posicionar os principais grupos sociais e a dimensão tempo-

ral, a ser abordada em seguida: a construção de narrativas sobre a Revolução logo após a derrubada de Fulgêncio Batista. Bustamante procura discutir que, ao contrário do que por vezes é midiaticamente divulgado, os primeiros meses após a instalação da revolução foram de grande debate na ilha, assim como de discordâncias e dificuldades de produzir um entendimento comum acerca dos eventos recentes. O historiador procura, ao demonstrar tal cenário confuso e conflituoso, analisar as formas como progressivamente passou a ser institucionalizada uma política cultural voltada para a memória revolucionária, e que mobilizava também a história recente do país.

Para isso, são analisadas produções audiovisuais do Instituto Cubano de Arte e Indústria Cinematográfica (ICAIC), que procuravam narrar os passos iniciais da revolução, assim como publicações impressas como jornais e, em especial, revistas em quadrinhos voltadas ao público infantil. Destaca-se a afinidade da documentação trabalhada pelo autor com pesquisas empreendidas por Villaça⁷ e Miskulin⁸, que, ao se ocuparem também das produções culturais, apontavam para a existência de tais políticas de memória através das artes e letras. Todavia, ao tomar a memória como objeto, Bustamante vai além dos estudos já desenvolvidos, tendo em vista que situa o tema nas discussões sobre os futuros da Revolução e as formas como tais processos impactaram no crescimento de sentimentos anticomunistas dentro e fora do país.

O segundo capítulo da obra, *Cuban Exiles and the Search for Total Unity*, discute o exílio nos Estados Unidos a partir das dificuldades de cubanos/as exilados/as em Miami e Washington construírem uma frente única de oposição ao governo revolucionário. Neste momento, o autor desenvolve uma análise que transita entre as experiências coletivas destes sujeitos através de movimentos, a exemplo do ataque à Baía dos Porcos e da operação *Mongoose* em 1961, e experiências individuais, como a trajetória e mudanças de opinião política de José Miró Cardona. Bustamante procura, através de jogos de escalas e da espacialidade do exílio, perceber a ascensão de discussões em torno da oposição a revolução como um fenômeno múltiplo e da construção de uma ideia de “Revolução Traída” por parte daqueles que se viam enquanto “vítimas” e/ou discordantes dos rumos do movimento revolucionário.

A discussão proposta pelo autor neste capítulo é particularmente interessante, pois cobre um outro lado dos movimentos desenvolvidos pelas comu-

7 VILLAÇA, Mariana Martins. *Cinema Cubano: Revolução e Política Cultural*. São Paulo: Alameda, 2010.

8 MISKULIN, Sílvia Cezar. *Os intelectuais cubanos e a política cultural da Revolução (1961-1975)*. São Paulo: Alameda, 2009.

nidades exiladas. Perspectivas como as estabelecidas por Duany⁹; discutem as mobilizações da comunidade exilada no sul da Florida e/ou em Nova York a partir das construções de identidades ressentidas e da elaboração de espaços étnicos marcados pelo reforço das identificações com o exílio. Bustamante fornece outro panorama ao concentrar sua análise nas discordâncias existentes dentro da comunidade e nas formas como o governo de Fulgêncio Batista era entendido dentro da comunidade exilada, sendo demonstrado pelo historiador que não necessariamente a oposição a Revolução significasse simpatia e/ou apoio irreduzível ao antigo ditador. Além disso, o autor analisa o papel da imprensa e produção audiovisual, demonstrando os paralelos existentes entre iniciativas cubanas, que também apostaram nestas formas de comunicação, e as do exílio na construção de memórias sobre o passado recente.

Por fim, o capítulo discute a dimensão da nostalgia presente nas disputas de memória na primeira geração de exilados/as. A análise empreendida na obra dimensiona a nostalgia como elemento psicológico integrante da comunidade exilada. Esse entendimento destaca o papel do ressentimento na elaboração das memórias sobre o exílio. Todavia, é perceptível um outro lado pouco abordado por Bustamante nesta discussão: os impactos temporais da nostalgia. Como fenômeno social, cultural e psicológico, a nostalgia é uma forma de ausência sobre um tempo vivido e/ou imaginado, sendo um sentimento marcado pela saudade, pela lembrança, mas principalmente pela ideia de ruptura.¹⁰ Como ruptura, a nostalgia de comunidades exiladas reorienta as narrativas identitárias, reorganiza as memórias e ressignifica as experiências de forma ao presente ser uma temporalidade que constantemente retoma ao passado e o instrumentaliza no presente¹¹. Tal debate, tangência a obra, mas não é aprofundado tendo em vista que sua discussão não se detém propriamente sobre a temporalidade, apesar de essa integrar os debates de memória desenvolvidos. Desta forma, é preciso reforçar tal aspecto enquanto contribuição a sua análise.

O terceiro capítulo da obra, *Remembering (through) Girón*, coloca pela primeira vez cubanos/as no país e a comunidade exilada em “confronto” ao analisar o ataque à Baía dos Porcos em 1961. Partindo do entendimento de que a investida de exilados treinados pela CIA, com apoio de Eisenhower e Kenne-

9 DUANY, Jorge. *Blurred Borders: Transnational Migration between the Hispanic Caribbean and the United States*. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 2011.

10 HUYSSSEN, Andreas. *Culturas do passado-presente: modernismo, artes visuais, políticas da memória*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2014.

11 SZNAJDER, Mario; RONIGER, Luis. *The Politics of Exile in Latin America*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

dy, foi um episódio central para as memórias sobre a Revolução, Bustamante demonstra como o evento se tornou o epicentro de debates sobre rumos do governo cubano. Partindo, em um primeiro momento, da centralidade da região de Girón para Cuba, e do simbolismo envolvido na escolha da localidade para a invasão, o autor discute as formas como a vitória revolucionária foi discursivamente transformada em validação do poder revolucionário. Desta forma, como apresentado na obra, a vitória cubana virou um prisma para as narrativas sobre a promessa da revolução e para construção de uma suposta nova cubanidade autorizada.

Um dos aspectos mais importantes do capítulo é a análise dos interrogatórios realizados com os exilados cubanos presos após a tentativa de derrubada do governo. Ao problematizar questionamentos e respostas dirigidas por e para Fidel Castro e outros dirigentes, Bustamante destaca os embates existentes na construção da identidade cubana. Ao perceber que, por diversas vezes, os presos políticos reivindicavam uma suposta cubanidade legítima, os líderes revolucionários respondiam a tais afirmativas, negando as cubanidades no exílio como autênticas e, discursivamente, representando-as como traidoras da identidade nacional. Desta forma, o autor demonstra que os eventos transcorridos em Girón serviram não somente como base para um discurso de vitória da revolução, mas o contato do governo com os presos foi fundamental para guiar as narrativas posteriores, resultando em discursos de resposta. Nesse contexto, as produções televisivas, como a transmissão dos julgamentos, contribuíram para tal processo, ao mesmo tempo que elaboraram uma visão de limites de resistência que o governo cubano iria permitir.

O quarto capítulo, *Antinostalgias in an Exile Age of Fracture*, foca em um grupo menos abordado na historiografia do exílio cubano, se comparado aos demais: a geração 1.5. Esse grupo, constituído por sujeitos que nasceram em Cuba que migraram ainda na infância para os Estados Unidos, construíram memórias sobre o país natal baseadas muito mais nas lembranças e identidades coletivas do que em experiências individuais e/ou próprias. A partir da imprensa, em especial de revistas produzidas por escritores, intelectuais e políticos cubanos que integraram a geração 1.5, Bustamante discute a situação de oposição a ambos os lados existentes entre estes/as exilados. Segundo o autor, o debate na imprensa do exílio na década de 1970 foi perpassado por um posicionamento destes/as exilados/as de não apoiarem a Revolução, mas também criticarem muitos dos posicionamentos de seus parentes e familiares nos Estados Unidos. Em especial, a principal crítica existente seria a escolha massiva pelo país de destino e a construção de uma memória dos EUA como salvadores da nação desde a Guerra Hispano-Americana.

Como fio condutor da análise, o capítulo se concentra no posicionamento do *Agrupación Abdala*, um grupo de estudantes cubanos exilados nos Estados Unidos que iniciou sua formação no final dos anos 1960 e início dos anos 1970. Nesse período, diversas iniciativas de jovens latinos no país começavam a emergir, influenciadas especialmente pelos movimentos de defesa pelos direitos civis e de reafirmação das etnicidades múltiplas que existiriam nos EUA, a exemplo dos *Young Lords*.¹² A *Agrupación Abdala*, que iniciou em Nova York, mas logo se espalhou em Miami, tinha como principal objetivo a reflexão e mobilização social em torno do exílio cubano. Suas produções tematizavam a defesa do anticomunismo cubano, além das reflexões e críticas ao governo cubano anterior a Revolução. Ao tematizar a trajetória e produção deste grupo, Bustamante reflete sobre a formação de uma visão da Revolução e do exílio, que afastava do traço nostálgico dominante, ao mesmo tempo que discute a radicalização da comunidade exilada, com ataques e atentados, em função das divergências existentes e da estruturação de grupos que planejavam atentados a Cuba.

O quinto capítulo, penúltimo da obra, aborda a noção de comemoração como princípio de rememoração da Revolução na década de 1970. Intitulado, *Anniversary Overload? Memory fatigue at Cuba's socialist apex*, o capítulo desloca o estudo novamente para o país caribenho, procurando entender as estratégias e mecanismos de celebração da Revolução a partir da institucionalização, produções midiáticas e literárias. Concentrando-se na produção de narrativas que, a partir do presente, rememoravam o passado recente da ilha, o autor problematiza as formas como foram elaborados lugares de memória coletivas, citando Pierre Nora, para reforçar uma narrativa oficial. Esse processo ocorreu em meio a constantes atualizações, sendo que a autocrítica por vezes foi implementada como mecanismo de atração popular e de melhora do governo, através de jogos locais, nacionais e globais e, principalmente, pela escolha de marcos temporais específicos. O argumento central é que, apesar da diversidade destes lugares de memória na profusão de museus e memoriais locais em diferentes cidades e regiões do país com perfis bastante distintos, ocorreu a estruturação dessa memória da Revolução através da escolha de anos/eventos marcantes para além de 1959, a exemplo da vitória no ataque à Baía dos Porcos e na projeção da colheita dos 10 milhões em 1970.

O processo analisado demonstra que a institucionalização da memória sobre o passado recente em Cuba ocorreu de forma paralela a institucionalização

12 FERNÁNDEZ, Johanna. *The Young Lords: A Radical History*. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 2020.

do socialismo cubano, expresso nas políticas culturais e na projeção internacional com a aproximação com o governo de Salvador Allende no Chile. Nesse processo, lembrar as “vitórias” da Revolução foi um mecanismo de reafirmação do potencial revolucionário em um contexto, por exemplo, em que começava a emergir desconfianças com a censura e autoritarismo dos líderes cubanos dada a pressão pela “autocrítica” de Herberto Padilla em 1971, ou a existência das Unidades Militares de Ajuda à Produção na década anterior. Apesar das UMAP’s não serem tema de análise deste capítulo, a análise de Bustamante contribui a pensar o processo de escolha deliberada por certas narrativas de reforço nacional da revolução frente a outros. Nestes processos, a nostalgia com uma Revolução recente começava a emergir, não como uma promessa de futuro inalcançado, como por vezes ocorreria no sentimento nostálgico, mas como memória positivada e uma lembrança de “empoderamento” dos feitos cubanos recentes, entendidos como conquistas.

O último capítulo da obra, *Confronting Return*, amarra o estudo ao analisar o “retorno” da comunidade exilada na década de 1970 a partir das negociações entre Cuba e Estados Unidos. Tais retornos, mesmo que temporários, em 1979 mobilizaram mais de 100 mil cubanos/as exilados/as que conseguiram autorização de ambos os países para visitar seus familiares e/ou amigos na ilha. Além do processo emocional de retorno e encontro entre pessoas que só conseguiam manter contatos por cartas e telefonemas, a visitação de exilados/as a Cuba marcou um novo campo de disputas entre visões diferentes sobre a revolução. Ao possibilitar que pessoas que deixaram o país no contexto de implementação da Revolução, assim como de jovens que nunca haviam pisado em Cuba, a ilha se tornou o palco de um confronto entre identidades formadas em diferentes espaços territoriais que se viam, pela primeira vez, confrontadas cotidianamente nas experiências ordinárias como cafés, almoços e reencontros familiares.

Segundo Bustamante, a viagem de uma parcela da comunidade exilada possibilitou para ambos os “grupos” a desmistificação de parte das representações que circulavam e existiam em torno dos Estados Unidos, por parte daqueles/as que viviam em Cuba, e sobre a revolução, entre os/as que viviam no exílio. Todavia, além de alguns processos de desmistificação, a presença, e o fluxo de dinheiro e bens de consumo movimento por exilados/as que trouxeram para familiares, marcou também reforçou certas narrativas sobre as “vantagens da América”, então o ambiente cultural e social por outro lado também reforçou o potencial político existente na revolução. Para o autor, ao analisar a trajetória de diferentes sujeitos por meio de relatos orais, é possível afirmar que uma das principais situações imprevistas pela comunidade exilada na

ocasião foi perceber que o país havia “continuado” sem sua existência. Ao analisar esse processo, Bustamante defende a hipótese de que, longe de ser uma reconciliação, a abertura do fluxo de pessoas resultou na reabertura de cicatrizes deixadas pela revolução e, se, por um lado, estimulou a reflexão, por outro aumentou ressentimentos e a oposição de ambos os lados.

Ao abordar a construção das memórias sobre a revolução cubana entre cubano-americanos/as e cubanos/as, *Cuban Memory Wars: Retrospective Politics in Revolution and Exile* desenvolve uma valiosa contribuição aos estudos das Américas na contemporaneidade e, especialmente, da História do Tempo Presente. Por tematizar um processo coletivo, com dimensões globais, Michael Bustamante discute a fluidez e a dimensão política da elaboração de memórias sobre um dos principais eventos do continente americano no século XX. Sua abordagem, inclusive, demonstra que para além das múltiplas dimensões temporais existentes nas memórias e em seus embates, os usos políticos do passado se fazem constantemente presentes nas narrativas sobre a revolução. Tais instrumentalizações do passado, como lembram Bauer & Nicolazzi¹³, orientam-se não somente a partir de projetos políticos, mas também de interesses e funções que eles vêm a exercer no presente de sua mobilização e em futuros imaginados. Tal dimensão costura os capítulos de *Cuban Memory Wars* de forma a possibilitar a reflexão e o entendimento que um processo que foi constantemente retroalimentado, atualizado e, por vezes, contraditório.

A escolha de temáticas dos capítulos e a estrutura narrativa de Bustamante apresentam também uma contribuição importante aos estudos sobre o exílio e deslocamentos humanos na contemporaneidade, com ênfase na elaboração de identidades “nacionais”. Constantemente em cena, a ideia de cubanidade aparece como campo de disputas, demonstrando o papel fundamental da memória na construção da identidade e do pertencimento as nações na segunda metade do século XX. Tais cubanidades, reivindicadas por exilados/as e não-exilados/as, demonstravam uma hipótese que já existia, como lembra o autor, desde os estudos de Fernando Ortiz: a contradição e a multiplicidade por vezes contraditórias que marcam a identidade cubana. Nestes embates, lembrar, esquecer e reconfigurar as narrativas sobre o passado no presente foram fundamentais para legitimar a revolução, ou a oposição, ao governo revolucionário.

13 BAUER, Caroline; NICOLAZZI, Fernando. O historiador e o falsário: Usos públicos do passado e alguns marcos da cultura histórica contemporânea. *Varia história*, Belo Horizonte, v. 32, n. 60, p. 807-835, Dez. 2016.

Por fim, cabe destacar que *Cuban Memory Wars* é um livro que destaca um campo em expansão dentro dos estudos sobre a revolução cubana e o exílio, que não apenas procura romper com as visões dicotômicas e de antagonismos, mas destaca os processos temporais, as experiências individuais/coletivas, e a centralidade de Cuba para pensar a história das Américas no Tempo Presente. A obra de Bustamante, neste caso, é tanto a concretização de seus estudos recentes, quanto um novo passo para toda a comunidade de cubanólogos, historiadores/as ou não, interessados na construção de representações sobre Cuba na contemporaneidade, assim como para historiadores/as das Américas.

Referências

- ARAUJO, Rafael. A história do tempo presente na América Latina e no Brasil: Recortes cronológicos e possíveis periodizações. In: ELÍBIO, Antonio; SCHUSTER, Karl; PINHEIRO, Rafael. Tempo Presente: uma história em debate. Recife: EDUPE, 2019.
- BAUER, Caroline; NICOLAZZI, Fernando. O historiador e o falsário: Usos públicos do passado e alguns marcos da cultura histórica contemporânea. *Varia história*, Belo Horizonte, v. 32, n. 60, p. 807-835, Dez. 2016.
- BUSTAMANTE, Michael. Cultural Politics and Political Cultures of the Cuban Revolution: New Directions in Scholarship. *Cuban Studies*, Pittsburgh, v. 47, p. 3-18, 2019.
- DUANY, Jorge. *Blurred Borders: Transnational Migration between the Hispanic Caribbean and the United States*. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 2011.
- FERNÁNDEZ, Johanna. *The Young Lords: A Radical History*. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 2020.
- GARCIA, Maria Cristina. *Havana USA: Cuban Exiles & Cuban Americans in South Florida*. Berkeley: University of California Press, 1996.
- GUERRA, Lillian. *Heroes, Martyrs, and Political Messiahs in Revolutionary Cuba (1946-1958)*. London: Yale University Press, 2018.
- HUYSSSEN, Andreas. *Culturas do passado-presente: modernismo, artes visuais, políticas da memória*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2014.
- MISKULIN, Sílvia Cezar. *Os intelectuais cubanos e a política cultural da Revolução (1961-1975)*. São Paulo: Alameda, 2009.
- PÉREZ Jr., Louis A. *On Becoming Cuban: Identity, Nationality and Culture*. Carolina do Norte: University of North Carolina Press, 2008.
- SZNAJDER, Mario; RONIGER, Luis. *The Politics of Exile in Latin America*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.
- VILLAÇA, Mariana Martins. *Cinema Cubano: Revolução e Política Cultural*. São Paulo: Alameda, 2010.

Recebido em 15 de abril de 2021
Aprovado em 27 de janeiro de 2024

IGOR LEMOS MOREIRA